

**Como Fênix – a ave mitológica** que, queimada, renasce das cinzas – Filme Cultura já teve vários ciclos de vida. Desaparecida, por vicissitudes comuns às iniciativas que vicejam no campo estatal, por várias vezes renasceu, renovada, para cumprir a função que o singelo título sugere, em forma de binômio indissolúvel.

Esse número 50 renasce sob o signo do digital, como mostra explicitamente a imagem da capa – uma claquete eletrônica com *time code* aparente. Mas a elaboração das ideias contidas na edição permanece analógica e artesanal, como ‘take 2’ escrito à mão acima dos caracteres luminosos. Ontem ou hoje, independentemente dos meios usados para produção dos textos ou dos suportes de fruição, o elemento central de Filme Cultura é o pensamento crítico sobre cinema.

O rosto cafuno diante da câmera e atrás da claquete não deixa dúvidas: é do cinema terceiro-mundista que se trata. Se a expressão é datada, o conceito permanece atual depois de superada a guerra fria. Terceiro cinema, que persiste procurando caminhos de superação do cinema hegemônico que nos é estranho e invasivo. Essa marca de origem, que atravessa mais de quatro décadas de publicação descontínua, é sublinhada pela oportuna republicação dos textos de Paulo Emilio Salles Gomes, em especial *Este é Paulo Emilio: o nosso crítico de cinema brasileiro*, escrito em 1973, mas de prodigiosa atualidade: “sempre vale a pena tratar de cinema brasileiro”.

O novo ciclo de vida de Filme Cultura, inaugurado com essa edição, não poderia deixar de ser panorâmico da produção atual do cinema brasileiro, ainda mais ‘variado e rico’ que aquele comentado por Paulo Emilio. Os filmes discutidos nesse número continuam pouco conhecidos do público, talvez ainda mais que aqueles dos anos 1970, em que a variedade e riqueza dos títulos “pelos mais diversas razões tiveram o encontro com o espectador dificultado ou negado”.

Nesses últimos quarenta anos, pouco mudou a questão central – o cinema brasileiro permanece marginal em seu próprio circuito exibidor. Mas é inegável que na configuração atual há uma ‘variedade e riqueza’ maior em nossa cinematografia. Por razões diversas – com destaque para o facilitado acesso às ferramentas digitais e o volume de recursos proporcionados pelas políticas públicas de financiamento à produção – o número anual de novos curtas brasileiros beira quinhentos e o de longas se aproxima de cem. O número de criadores se exponenciou. Os polos produtores se multiplicaram – e essa edição resenha os sete mais ativos.

A leitura dos textos que compõem ‘Cinema brasileiro agora’ alimenta nossa esperança de que as redes sociais da Internet, os circuitos paralelos de exibição e os dispositivos móveis possam levar nossos filmes – audiovisuais ou conteúdos, como os queiram chamar – a um número cada vez maior de cidadãos. E, juntamente com eles, o pensamento que veiculam, a reflexão que suscitam sobre a sociedade que construímos e compartilhamos, tornando cada vez mais indissolúvel o binômio Filme Cultura.

**SILVIO DA-RIN** SECRETÁRIO DO AUDIOVISUAL DO MINC

